

Poder, Verdade e Subjetividade: A Microfísica do Controle em Michel Foucault

Rafael da Silva Brito¹

Prof. Dr. Luiz de Camargo Pires Neto

Resumo

Este artigo explora as concepções foucaultianas de poder, verdade e subjetividade, destacando sua inter-relação de modo dinâmico para compreender as sociedades modernas. Michel Foucault propõe que o poder não é apenas repressivo, mas também produtivo, moldando saberes, comportamentos e subjetividades. A verdade, por sua vez, é analisada como uma produção política, emergente de regimes de discurso que legitimam determinados conhecimentos e práticas. Além disso, o artigo se propõe a analisar o conceito de dispositivos e tecnologias de si vinculados à disciplina e ao panóptico, que operam tanto em níveis institucionais quanto em práticas cotidianas. Por fim, o artigo analisa a relação entre os dispositivos, tecnologia a partir da governamentalidade, entendida como a arte de governar populações, que é apresentada como elemento central na gestão da vida social e na configuração das subjetividades modernas.

Palavras-chave: Michel Foucault; Poder; Subjetividade; Dispositivos de poder; Verdade.

Abstract

This article explores Foucault's conceptions of power, truth, and subjectivity, highlighting their dynamic interrelation in understanding modern societies. Michel Foucault argues that power is not merely repressive but also productive, shaping knowledge, behaviors, and subjectivities. Truth, in turn, is analyzed as a political production, emerging from regimes of discourse that legitimize certain knowledge and practices. Additionally, the article examines the concept of dispositifs and technologies of the self, linked to discipline and the panopticon, which operate at both institutional levels and in everyday practices. Finally, the article analyzes the relationship between dispositifs and technology through the lens of governmentality, understood as the art of governing populations, presented as a central element in the management of social life and the formation of modern subjectivities.

¹ Graduando no curso de Bacharelado em Filosofia, na Faculdade Paulus de Tecnologia e Comunicação (FAPCOM), São Paulo, Brasil.

Keywords

Michel Foucault; Power; Truth; Subjectivity; Power dispositifs; Discipline; Technologies of the self; Surveillance; Social control; Production of subjectivities; Regimes of knowledge.

1. INTRODUÇÃO

A análise das relações entre poder, verdade e subjetividade, proposta por Michel Foucault, teve um impacto significativo nas análises subsequentes das dinâmicas sociais e políticas que moldaram as sociedades modernas. Assim, este artigo tem como objetivo explorar os fundamentos da teoria foucaultiana do poder, destacando sua natureza descentralizada e relacional, além de examinar suas implicações para os regimes de verdade e a formação das subjetividades. Partindo de uma crítica à neutralidade do saber, Foucault revela como a ciência e os discursos legitimados pela sociedade são, na verdade, expressões de dispositivos de poder que operam em múltiplos níveis. A trajetória argumentativa deste artigo investiga o poder como algo dinâmico, positivo e intrinsecamente relacionado à produção de conhecimento. Mais do que um simples mecanismo de repressão, o poder emerge como uma força produtiva, moldando identidades e comportamentos, enquanto sustenta as estruturas sociais. A abordagem foucaultiana permite que questões fundamentais sejam debatidas, como a disciplina, a vigilância e a governamentalidade, todas interligadas pelo conceito de tecnologias de poder. Por fim demonstramos que o poder, no pensamento de Foucault, não apenas regula, mas também estrutura e reproduz os padrões de sociabilidade, destacando sua função estratégica na formação das dinâmicas sociais e políticas.

1.1 . PODER E VERDADE

Foucault (2013, p.39) analisou as inter-relações entre os enunciados científicos e suas funções ideológicas, buscando compreender como esses enunciados são classificados como verdadeiros. Entretanto, seu foco não está na veracidade dos enunciados, mas na construção da verdade como um fenômeno político, investigando como elas são produzidas e legitimadas dentro de regimes discursivos específicos. Para Foucault, “a verdade não existe fora do poder ou sem

poder [...] a própria verdade é poder” (FOUCAULT, 2013, p.51-52), ressaltando que a verdade está sempre entrelaçada às relações de poder que a constituem e a validam. Assim as questões políticas devem ser compreendidas não mais em termos de ciência e ideologia, mas como argumenta Foucault em entrevista *verdade e poder — microfísica do poder —*, em termos de verdade e poder (2013, p.53). Nas palavras de Benevides tão articulação da verdade implica:

Uma postura que não se resume a uma simples ruptura, subversão ou redefinição semântica, terminológica ou gramatical do conceito de "verdade". Pelo contrário, trata-se de uma atitude de ordem política que não pode realizar um corte radical nos significados da verdade tal como se apresentam nas práticas reais e cotidianas, sob o risco de deixar de se referir ao funcionamento desse dispositivo – o dispositivo da verdade. (2013, p.92)

Assim, a verdade não é concebida como algo que existe de forma independente, fora de um contexto político ou de um regime de saber. Pelo contrário, ela surge e se concretiza dentro desses contextos. Nesse sentido, o conceito de regimes de verdade descreve um “conjunto de procedimentos regulados para a produção, a lei, a distribuição, a circulação e o funcionamento dos enunciados” (FOUCAULT, 2013, p.54). A partir dessa perspectiva, Foucault questionava a pretensão da ciência de ser isenta de ideologia, de se colocar acima das condições históricas e existenciais, e de possuir uma verdade absoluta e universal. Ele via os saberes como mecanismos estratégicos nas relações de poder, inseridos em um dispositivo político, ao invés de simplesmente frutos de novas descobertas. Portanto, a neutralidade do conhecimento científico universal, conforme a *arqueologia*² de Foucault, revela a interdependência entre saber e poder. Não há relação de poder sem a constituição de um campo de saber, e todo saber cria novas relações de poder. Em suma, todo exercício de poder é, ao mesmo tempo, um espaço de formação de saber e produtor de verdade:

² Em A Arqueologia do Saber, Foucault propõe uma análise dos enunciados para compreender a ordem intema que organiza um saber específico. A arqueologia, nesse sentido, é um método de análise histórica e filosófica que ele desenvolveu para estudar as condições que possibilitam o saber e as práticas em diferentes épocas. Ao invés de focar nos conteúdos das ideias ou nas intenções dos indivíduos, esse método busca entender as estruturas subjacentes que organizam o conhecimento em um período histórico. Ele sugere que, em vez de observar o conhecimento como uma evolução linear, devemos analisar como certos saberes surgem, se estabelecem e dominam, enquanto outros são marginalizados ou silenciados. Portanto, a arqueologia investiga as condições que tornam possível um tipo específico de conhecimento em determinado momento histórico, interessado em como as estruturas sociais, culturais e políticas influenciam sua produção e circulação, sem se preocupar com a verdade objetiva, mas com os mecanismos de poder que validam essas ideias.

Não há possibilidade de exercício do poder sem certa economia dos discursos de verdade que funcione segundo essa dupla exigência e a partir dela. Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade. (FOUCAULT, 2012, p.279)

A relação intrínseca entre poder e saber sustenta que toda verdade, independentemente de seu contexto histórico e cultural, só pode existir a partir de condições políticas. Em sua origem, portanto, não haverá saber neutro, mas um saber essencialmente político. No entanto, isso não implica atribuir todo o poder e a verdade exclusivamente ao Estado – como se ele, ao se apropriar deles, os utilizasse como instrumentos de dominação numa análise descendente, ou seja, de cima para baixo, propagando-os de um centro para as periferias e impactando a sociedade de maneira homogênea (FOUCAULT, 2013, p.285). Tampouco significa reduzir a importância do aparato estatal no exercício do poder dentro da estrutura social. Em oposição a essa concepção, Foucault propõe que o poder é dinâmico e descentralizado, tornando-o fundamental para a sustentação e eficácia do Estado.

1.2 O PODER COMO RELAÇÃO DINÂMICA E DESCENTRALIZADA

O conceito de poder foi abordado de diferentes formas ao longo da história, muitas vezes relacionado a uma estrutura hierárquica rígida, na qual aqueles que ocupam posições superiores detêm autoridade sobre os demais. Essa concepção foi denominada poder-soberania, conforme a definição de Foucault, referindo-se ao modo de funcionamento do poder durante a transição das monarquias clássicas para as monarquias absolutas, na formação do Estado moderno (ALBUQUERQUE, 1995, p.107). Essa concepção foi característica das monarquias absolutas, organizando-se em torno de uma dinâmica centralizada e intermitente. No contexto do absolutismo, o poder era concentrado nas mãos do monarca, que reunia e distribuíra recursos para submeter seus súditos, movendo-se em um ciclo contínuo de contração e expansão de forças. Assim, conforme Albuquerque (1995), o funcionamento do poder estava relacionado a três elementos: o centro (o rei), a periferia (os súditos) e a força material (o poder em si).

Contudo, essa concepção não é suficientemente dinâmica para conceber a relação do poder no pensamento do filósofo francês. A partir da concepção hobbesiana de poder, Albuquerque mostra que o poder não se define apenas pelos atores envolvidos (rei e súditos), mas também pelos recursos presentes na sociedade, como os aspectos psicológicos, materiais e econômicos, que são mobilizados a serviço de uma autoridade suprema para garantir a ordem. Nesse sentido, a monarquia absoluta é vista como um produto do processo de concentração de poder, e não como sua origem. A figura do monarca absoluto emerge de uma dinâmica em que o poder se centraliza com o objetivo de submeter os indivíduos³ à ordem política (ALBUQUERQUE, 1995, p.108). Assim, o poder se configura como uma relação assimétrica, na qual um polo exerce o poder sobre o outro, sempre com a finalidade de manter a ordem política.

A partir dessa concepção de poder é possível conceber as relações de poder em Foucault⁴ como uma prática social que se exerce em relações de confronto, força e disputa, sendo multifacetada e não unilateral. Ao contrário de um conjunto de forças materiais concentradas no centro da sociedade, que se irradiam de forma intermitente para a periferia, o poder em Foucault é entendido como uma relação de confronto entre indivíduos e grupos, que se irradia da periferia para o centro, de baixo para cima. (MACHADO, 2013, p. 16). O poder é um fenômeno contínuo, que dá sustentação à autoridade e dinamiza os recursos e forças existentes, manifestando-se de formas diversas e organizando a sociedade em seus diferentes contextos históricos. Nesse sentido, a concepção foucaultiana de poder pode ser vista como uma relação dinâmica e descentralizada, que circula entre diferentes contextos, adaptando-se e se transformando constantemente. Como afirma Albuquerque:

Assim, em vez de coisas, o poder é um conjunto de relações; em vez de derivar de uma superioridade, o poder produz a assimetria; em vez de se exercer de forma intermitente, ele se exerce permanentemente; em vez de agir de cima para baixo,

³ No capítulo 2, discutiremos a concepção de indivíduo — enquanto produção do poder — que é empregada ao longo deste artigo

⁴ Foucault não busca desenvolver uma teoria do poder universal, mas sim investigar suas formas específicas e contextuais, enfatizando que o poder se manifesta de maneira diversa em diferentes sociedades e épocas. Ele adota uma abordagem que se afasta das explicações essencialistas, preferindo uma análise focada nas práticas e nas relações de poder concretas.

submetendo, ele se irradia de baixo para cima, sustentando as instâncias de autoridade; em vez de esmagar e confiscar, ele incentiva e faz produzir.(1995, p.109)

O poder pode assumir diversas formas e significados. Não são os recursos que o definem, pois ele não se restringe a coisas ou objetos. Os chamados recursos ou instrumentos de poder só se tornam efetivos quando são colocados a serviço de uma autoridade suprema, com o objetivo de manter a ordem política (ALBUQUERQUE, 1995, p.108). O poder se articula com o Estado de várias maneiras, e, dessa forma, surge uma multiplicidade de micropoderes que, operando simultaneamente, produzem uma rede de dispositivos ou mecanismos intrínsecos, permeando todas as relações sociais. Nas palavras de Machado:

O que Foucault chamou de “microfísica do poder” significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, à medida que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção a suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um controle detalhado, minucioso do corpo — gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos. (MACHADO, 2013, p.14)

Assim, Foucault propõe uma análise inversa e ascendente, concentrando-se no nível molecular do poder e suas especificidades, investigando os mecanismos e as técnicas que estão profundamente ligados à produção de saber e verdade, e também suas conexões com o poder instituído pelo aparato estatal.

Foucault rompe com a visão tradicional de poder como algo fixo e coercitivo, propondo-o como uma força fluida, que se negocia e se adapta continuamente nas relações sociais. Ao invés de estar concentrado em uma única instituição, que, “para Foucault, não são espaços exclusivos de exercícios do poder, mas sim espaços atravessados por tecnologias⁵ de poder cuja aplicação não está restrita aos muros institucionais nem às práticas de confinamento ou estrutura dominante”(LE MOS; JUNIOR; ALVAREZ, 2013, p.101), o poder se manifesta de forma difusa, permeando as interações cotidianas e as práticas sociais em diversos níveis da sociedade. Ele se distribui e se exerce nas pequenas interações, como na família, na educação, na medicina, sendo socialmente construído e reconfigurado nas relações entre os indivíduos.

⁵ No capítulo 3, discutiremos a concepção de tecnologia que é empregada ao longo deste artigo.

Nesse processo, o poder não se limita a uma força repressiva, mas também se torna produtivo, positivo, criando realidades, saberes, identidades e comportamentos. Assim, ele se torna dinâmico e multifacetado, operando como o resultado de um jogo constante de forças que se entrelaçam nas interações diárias, tornando cada indivíduo, dependendo da situação, tanto sujeito quanto agente dessa força:

Na sociedade, há milhares e milhares de relações de poder e, por conseguinte, relações de forças de pequenos enfrentamentos, micro lutas de algum modo. Se é verdade que estas pequenas relações de poder são com frequência comandadas, induzidas do alto pelos grandes poderes de Estado ou pelas grandes dominações de classe, é preciso ainda dizer que, em sentido inverso, uma dominação de classe ou uma estrutura de Estado só podem bem funcionar se há, na base, essas pequenas relações de poder. (FOUCAULT, 1995, p. 235).

2. O PODER POSITIVO

O poder, conforme Foucault, não se restringe a intervenções externas ou a estruturas de dominação visíveis, mas se manifesta de maneira produtiva, ou seja, positiva, operando nas esferas micro da sociedade. Ele não é apenas repressivo, mas também construtivo, atuando diretamente na formação da subjetividade e nas formas de comportamento que se instauram nas interações cotidianas. Nas palavras de Machado:

Não se explica internamente o poder quando se procura caracterizá-lo por sua função repressiva. O que lhe interessa basicamente não é expulsar os homens da vida social, impedir o exercício de suas atividades, e sim gerir a vida dos homens, controlá-los em suas ações para que seja possível e viável utilizá-los ao máximo, aproveitando suas potencialidades e utilizando um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo de suas capacidades. Objetivo ao mesmo tempo econômico e político: aumento do efeito de seu trabalho, isto é, tornar os homens força de trabalho dando-lhes uma utilidade econômica máxima; diminuição de sua capacidade de revolta, de resistência, de luta, de insurreição contra as ordens do poder, neutralização dos efeitos de contrapoder, isto é, tornar os homens dóceis politicamente. (MACHADO, 2013, p. 20).

Ao se articular de diversas formas com o Estado, o poder se dispersa em uma rede de micropoderes que permeiam todas as relações sociais, operando simultaneamente em diferentes esferas. Desse modo, Foucault propõe uma análise ascendente, focando no nível molecular do poder, nas esferas cotidianas da sociedade onde os mecanismos e técnicas estão intimamente ligados à produção de saber e à construção da verdade. Esse poder, longe de ser apenas repressivo,

atua de maneira produtiva, criando sistemas que não excluem os indivíduos. Esse poder, que aprimora as potencialidades dos indivíduos, garante o funcionamento do sistema e os coloca em posições estratégicas na sociedade, é denominado por Foucault de disciplina: “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2013, p. 133).

Por meio do poder disciplinar, o indivíduo não é concebido como um sujeito existindo em continuidade ao longo da história, como uma espécie de matéria inerte anterior e exterior às relações de poder que o transformaria, submetendo-o ao sistema para utilizá-lo ao máximo. Mas atuando sobre o corpo, o poder disciplinar com sua multiplicidade de técnicas e dispositivos ordenados — o adestramento do corpo, o aprendizado do gesto, a regulação do comportamento, a normalização do prazer, a interpretação do discurso⁶, com o objetivo de separar, comparar, distribuir, avaliar, hierarquizar — concebe esta figura singular, individualizada: o indivíduo (homem), como produção do poder e ao mesmo tempo, como objeto de saber. O indivíduo não é uma realidade exterior ao poder que seria por ele submetido; é um de seus mais importantes efeitos (FOUCAULT, 2013, p. 284-285). Em suma, o poder disciplinar não destrói o indivíduo; ao contrário, o produz adequando-o às suas demandas, isto é, tornando-o força de trabalho:

Ela define como se pode ter poder sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. A disciplina aumenta as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência) (FOUCAULT, 2013, p. 134).

A eficácia da disciplina consiste em criar um sistema de aperfeiçoamento gradual e contínuo do corpo dos homens – gerindo suas vidas e controlando suas ações, fundamentadas no

⁶ Para Foucault, discursos são sistemas de enunciados que estruturam o conhecimento, a verdade e as práticas em uma sociedade. Não se limitam apenas à fala ou à linguagem, mas abrangem todas as formas de comunicação e expressão que produzem sentidos e significados, incluindo práticas, representações e até silêncios. Eles têm o poder de moldar a realidade, estabelecer o que é considerado verdadeiro ou falso e regular as condutas dos indivíduos, influenciando a forma como as pessoas percebem e se relacionam com o mundo. Ele destaca que os discursos não são apenas reflexos da realidade, mas instrumentos de poder que operam nas relações sociais, controlando e definindo as práticas e as normas de uma sociedade. Assim, os discursos têm uma função reguladora e disciplinadora, moldando subjetividades e comportamentos.

saber – para utilizá-los ao máximo em suas potencialidades, visando o melhor funcionamento do sistema; e não os expulsar da vida social, impedindo o exercício de suas atividades (MACHADO, 2013, p.22). Portanto, seu objetivo se encontra na dimensão econômica e política: tornar os homens força de trabalho cada vez mais eficazes e diminuir sua capacidade de revolta, de resistência, de insurreição contra a ordem de poder dominante; em suma, tornar os homens dóceis politicamente.

Assim, o poder positivo se manifesta na gestão das vidas e ações dos indivíduos, tornando-os cada vez mais eficazes como força de trabalho, enquanto limita sua capacidade de resistência. Nesse processo, o poder não se limita ao aparato estatal, mas se entrelaça com ele, influenciando e sendo influenciado pelas dinâmicas sociais, moldando os indivíduos para torná-los politicamente dóceis e menos propensos à revolta ou insurreição:

Foucault estabelece, com suas concepções, a noção de um sujeito obediente. Este sujeito é visto como uma realidade fabricada, que existe em muitas e diferentes modalidades. É produzido e sustentado por um poder pouco notado e difícil de denunciar: um poder que circula através dessas pequenas técnicas, numa rede de instituições sociais. Ninguém foge ao próprio posicionamento nessa operação eficiente, produtiva, em forma de rede. (SILVA, 2008, p.92)

Para a tecnologia disciplinar moldar os corpos de acordo com uma função específica, é necessário que ele seja restringido a um espaço limitado, fazendo com que a disciplina não se limite a um único espaço institucional. Assim, ela é uma relação de poder que se manifesta em espaços distintos, com seus próprios enunciados e formas de visibilidade. Essa é uma das particularidades da disciplina: ela conecta diferentes espaços, ampliando seu poder de propagação e alcance. “A disciplina é uma tecnologia que é usada para fins maciços e serve para funções precisas em instituições (casas de detenção, exército, escola, hospital, polícia)” (LE MOS; JUNIOR; ALVAREZ, 2013, p.102)

2.1 GOVERNAMENTALIDADE: A ARTE DE GOVERNAR A VIDA SOCIAL

A concepção de governamentalidade, elaborada nos últimos escritos de Foucault⁷ produz uma mudança significativa na sua compreensão do poder. Em oposição à concepção tradicional de governo como uma autoridade soberana ou monárquica, o filósofo francês denomina governamentalidade o conjunto de práticas e estratégias utilizadas para governar as populações⁸, isto é, gerenciar a vida social e regular os comportamentos e ações dos indivíduos:

Por “governamentalidade” entendo o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, os cálculos e as táticas que permitem exercer essa forma bem específica, ainda que complexa, de poder que tem por alvo principal a população, por forma maior de saber a economia política, por instrumento técnico essencial os dispositivos de segurança. Segundo, por ‘governamentalidade’ entendo a tendência, a linha de força que, em todo o Ocidente, não cessou de conduzir, e desde muito tempo, à preeminência desse tipo de poder que podemos chamar de ‘governo’ sobre todos os outros: soberania, disciplina, e que, por uma parte, levou ao desenvolvimento de toda uma série de aparelhos específicos de governo, ao desenvolvimento de toda uma série de saberes (FOUCAULT, 2008, p.143-144).

A governamentalidade é um conceito que, a partir do século XVIII, passa a descrever o regime de poder e as tecnologias associadas ao governo, com foco principal na população. Embora esteja relacionado às técnicas de governo que acompanham a formação do Estado Moderno, o conceito se amplia ao longo das obras de Foucault para abranger a maneira como a conduta dos indivíduos foi moldada. Assim, a governamentalidade se torna uma ferramenta analítica para examinar todas as relações de poder, partindo da origem do conceito de governo para explicar a evolução das sociedades modernas e o governo dos homens (OLIVEIRA, 2019, p.49).

Esse conceito possibilita compreender a transição das formas de poder, que antes estavam centradas no soberano, para aquelas voltadas ao controle e à regulação das populações, adaptando-se às necessidades de um Estado moderno. A governamentalidade se organiza principalmente em torno da biopolítica, que Foucault define como o controle da vida das populações, especialmente

⁷ As conferências Segurança, Território, População e O Nascimento da Biopolítica

⁸ Para Foucault, a população é concebida como um objeto de poder nas sociedades modernas, relacionada ao conceito de biopoder, em que o estado busca administrar a vida das pessoas de maneira sistemática. A partir do século XVIII, os governos se concentram em questões como saúde pública, segurança e controle da natalidade, visando otimizar a vida coletiva e aumentar a produtividade. Assim, a população passa a ser regulada e gerida por políticas e instituições, não apenas como um conjunto de indivíduos, mas como um elemento a ser monitorado e disciplinado, refletindo uma mudança no exercício do poder, que passa a se focar na gestão da vida e não apenas na punição direta.

nos aspectos relacionados à saúde, segurança, natalidade e mortalidade (FOUCAULT, 2023, p.151). Essa forma de poder se exerce por meio de dispositivos como censos, estatísticas, políticas públicas e sistemas de seguridade social, permitindo ao Estado monitorar, regular e otimizar a vida social. A biopolítica, portanto, torna-se uma mudança paradigmática na concepção de poder, pois seu objetivo deixa de ser exclusivamente a repressão ou a dominação direta, para se tornar a gestão da vida e a promoção de uma existência produtiva para a sociedade.

Assim, por meio da governamentalidade, o poder deixa de ser exercido apenas pela lei e pela ordem, passando a se manifestar também por meio de uma gestão minuciosa e contínua das condições de vida das populações. Foucault observa que as tecnologias de controle se expandem para áreas como saúde, educação e bem-estar, transformando os indivíduos, que antes eram meros objetos de controle, em participantes ativos na regulação de suas próprias vidas.

3. DISPOSITIVOS E TECNOLOGIAS: PODER E CONTROLE

As distintas manifestações do poder, das práticas sociais e instituições que regulam a vida dos indivíduos são articuladas a partir de dois conceitos centrais na obra foucaultiana: dispositivos e tecnologias. Foucault utiliza esses conceitos para compreender como o poder opera na sociedade moderna e como ele se infiltra nas práticas diárias.

O conceito de dispositivo em Foucault é um dos mais amplos e complexos de sua obra, referindo-se a uma rede composta por práticas, saberes, discursos e instituições com o propósito de organizar, regular e governar a vida social. Essa concepção é desenvolvida por Foucault em sua obra *História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. No entanto, é na entrevista concedida à *International Psychoanalytical Association* (IPA) que Foucault concebe o conceito, detalhando como os dispositivos operam para exercer um controle não só sobre os corpos, mas também sobre as subjetividades, estruturando as relações de poder nas sociedades modernas. Assim, o dispositivo emerge como um conceito-chave para compreender como as práticas de governamentalidade se entrelaçam com as técnicas de controle e regulação da vida social, evidenciando a complexa rede de influências que molda os indivíduos e suas condutas:

É um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode tecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2013, p. 364)

Como uma estratégia do poder, os elementos que o compõem — como as normas, os discursos, as instituições e os processos sociais —, não apenas refletem, mas também reproduzem e mantêm relações de poder. Ao contrário de uma simples instituição ou prática isolada, um dispositivo é entendido como um conjunto de forças que atua sobre os indivíduos de maneira global e interconectada.

Além disso, os dispositivos não são fixos ou imutáveis, mas sim dinâmicos, adaptáveis e capazes de se transformar conforme as necessidades sociais e políticas (MARCELLO, 2004, p.200). Eles operam principalmente no campo da disciplina, isto é, na capacidade de organizar a vida dos indivíduos de maneira ordenada e normatizada. Esses dispositivos operam por meio de um conjunto de regras, saberes, práticas e formas de monitoramento que regulam o comportamento. Portanto, um dispositivo é um conjunto de inúmeras tecnologias e práticas sociais que organiza a produção de saber, disciplina e controle.

Nesse sentido, embora as instituições disciplinares — prisões, escolas, hospitais, etc — se apresentem como sistemas de controle explícito, também funcionam como locais onde o poder se manifesta de maneira sutil e constante. Assim, a microfísica do poder é a maneira como as normas e os saberes se estruturam para disciplinar e regular os corpos e as subjetividades dos indivíduos. O processo de socialização e as instituições educacionais, por exemplo, atuam como dispositivos para moldar o comportamento desde a infância, criando sujeitos que se autorregulam e seguem as normas sociais estabelecidas.

3.1 DISPOSITIVO DE VIGILÂNCIA: O PANÓPTICO

Em *Vigiar e Punir*, Foucault descreve o panóptico — a arquitetura de prisão proposta por Jeremy Bentham — não apenas como uma forma de vigilância física, mas também como um dispositivo que promove a internalização constante do controle. Segundo Foucault (2013), a

eficácia do panóptico como ferramenta de poder está na quantidade de informações que ele consegue reunir sobre os indivíduos, pois quanto maior o número de informações sobre os indivíduos, maior a possibilidade de controlar seu comportamento. Assim, o panóptico funciona de maneira que, ao saber que pode ser observado a qualquer momento, o indivíduo passa a se disciplinar, internalizando o poder que o vigia.

O panóptico é o exemplo mais emblemático do conceito de dispositivo em Foucault, pois ele é “uma tecnologia própria para resolver os problemas de vigilância” (FOUCAULT, 2013, p.321). O Panóptico é uma prisão projetada para ser altamente eficiente, onde os prisioneiros ficam em celas dispostas em círculo, com um vigilante centralizado em uma torre que pode observar todos ao mesmo tempo. Essa arquitetura faz com que os prisioneiros não saibam quando estão sendo observados, mas saibam que podem estar sendo vigiados a qualquer momento. O efeito dessa estrutura é que ela leva os indivíduos a se comportarem como se estivessem sendo observados, criando um mecanismo de autocontrole.

No entanto, o panóptico não é uma realidade apenas nas prisões. A ideia de vigilância e controle antecede ao próprio projeto do panóptico⁹ e se expande para diversas outras esferas da vida social, especialmente nas sociedades modernas. Nesse sentido, Foucault analisou como dispositivos de poder e vigilância operam em outras instituições como hospitais, escolas, fábricas, produzindo os indivíduos. Na contemporaneidade, o conceito de vigilância disciplinar de Foucault está presente em diversas tecnologias contemporâneas— como câmeras de segurança, algoritmos de monitoramento em redes sociais, sistemas de localização via GPS, etc. Essas tecnologias não só monitoram o comportamento, mas também moldam as práticas sociais, produzindo uma sociedade onde o comportamento é continuamente regulado e supervisionado.

Nesse sentido, Foucault enfatiza a relação entre a governamentalidade e o dispositivo para a operação do governo de si por si e as relações com os outros, como em práticas pedagógicas e produção de condutas (GONÇALVES, 2010, p.105). Essa intersecção entre a subjetividade e a análise das formas de governamentalidade ocorre no âmbito moral, onde o sujeito é condicionado

⁹ Na entrevista O Olho do Poder — Microfísica do Poder — Foucault explica que Bentham idealizou o projeto do panóptico inspirado por seu irmão, que havia visitado uma escola militar. Esse modelo de vigilância foi fundamental para a criação da arquitetura do panóptico.

a observar-se e se governar, exercendo a disciplina sobre si mesmo. As técnicas de si são, então, formas de subjetivação que permitem ao indivíduo regular sua conduta, sob a ideia de estabelecer objetivos e meios para atingi-los, tornando-se tanto o sujeito que age quanto o objetivo e instrumento de suas próprias ações.

3.2 TECNOLOGIAS DE SI

Como componente da governamentalidade, as tecnologias de si tornam-se técnicas fundamentais para o exercício de modos de subjetivação, permitindo que o sujeito se constitua e se regule (FOUCAULT, 2004, p. 324). Para Foucault, o poder não se limita ao controle sobre os corpos, mas se expande à forma como o sujeito pensa e age sobre si mesmo. Nesse contexto, ele distingue quatro grupos principais de tecnologias para a produção do indivíduo:

(1) tecnologias de produção, que permitem produzir, transformar ou manipular as coisas; (2) tecnologias dos sistemas de signos, que permitem utilizar signos, sentidos, símbolos ou significação; (3) tecnologias de poder, que determinam a conduta dos indivíduos e os submetem a certos fins ou dominação, objetivando o sujeito; (4) tecnologias de si, que permitem aos indivíduos efetuar, com seus próprios meios ou com a ajuda de outros, um certo número de operações em seus próprios corpos, almas, pensamentos, conduta e modo de ser, de modo a transformá-los com o objetivo de alcançar um certo estado de felicidade, pureza, sabedoria, perfeição ou imortalidade.(FOUCAULT, 2004, p. 323).

Embora Foucault identifique quatro grupos de técnicas responsáveis pela produção do indivíduo, neste capítulo focaremos apenas nas técnicas de si. Dito isso, vamos analisar como elas moldam a subjetividade e a conduta dos indivíduos, refletindo uma busca constante por autossuperação e controle.

As técnicas de si referem-se aos processos pelos quais os indivíduos buscam conhecimento e domínio sobre si mesmos. Diferente das tecnologias de poder, que visam moldar o comportamento dos indivíduos externamente, as técnicas de si envolvem uma relação interna, onde o sujeito se constitui e se reconhece por meio de práticas de autoconhecimento. Isso implica uma hermenêutica de si ou decodificação de si mesmo, em que o indivíduo se engaja ativamente na formação de sua própria subjetividade, buscando a autossuperação e o controle de sua conduta. Essas técnicas possibilitam que o sujeito se governe, promovendo um processo contínuo de

transformação e autodomínio associado a “‘jogos de verdade’ muito específicos, relacionados a técnicas particulares que os seres humanos utilizam para entenderem a si próprios” (FOUCAULT, 2004, p.323).

Essas tecnologias são sobre o autocontrole e as formas como o indivíduo internaliza os mecanismos de poder, tornando-se responsável pela sua própria disciplina. Foucault em tecnologias de si (2004) examina essas técnicas no contexto de práticas individuais, como a higiene, a alimentação, o exercício físico e até mesmo o pensamento. As técnicas são práticas que buscam moldar a subjetividade e a identidade do sujeito. Um exemplo dessas tecnologias pode ser averiguado no campo da saúde mental, onde os indivíduos, muitas vezes de forma autônoma, buscam tratamentos e terapias para gerir seu próprio comportamento e suas emoções, frequentemente internalizando normas e valores da sociedade.

Contudo as tecnologias de si não operam de modo independente, mas estão interligadas às tecnologias de poder, as quais criam as condições sociais necessárias que permitem o desenvolvimento das tecnologias de si. Uma vez que os indivíduos são moldados (disciplinados), a se comportar dentro de certos limites impostos pelas instituições e pela sociedade, as tecnologias de si, promovem o autocontrole e a autodisciplina, alimentando os dispositivos de poder, reforçando os sistemas de controle social e disciplinar.

A intersecção entre dispositivos de poder e as tecnologias de si fica evidente quando observamos como as instituições utilizam tecnologias para controlar e disciplinar os indivíduos. “A disciplina é o conjunto de técnicas pelas quais os sistemas de poder vão ter por alvo e resultado os indivíduos em sua singularidade”(FOUCAULT, 2013, p.182). Por exemplo, na instituição carcerária, as técnicas de vigilância como câmeras e sistemas de monitoramento são exemplos claros de como a tecnologia é utilizada para monitorar e regular o comportamento dos prisioneiros. De maneira semelhante, nas escolas, o uso de tecnologias de avaliação e de monitoramento de desempenho dos estudantes opera como um dispositivo de poder que visa garantir que todos sigam o padrão de comportamento e desempenho esperado. Portanto, o uso de tecnologias permite que o poder seja exercido de forma constante e imperceptível, sem a necessidade de intervenção direta.

Essa intersecção também se mantém eficaz na sociedade contemporânea. No contexto digital, a coleta de dados pessoais, o rastreamento das atividades dos indivíduos na internet e o uso de algoritmos de recomendação são tecnologias modernas que operam como dispositivos de poder que, moldando comportamentos, preferências e até mesmo identidades, reafirmam essa eficácia. Assim as grandes empresas e os governos utilizam essas tecnologias para influenciar e governar a vida social de maneira altamente eficaz e invisível, reforçando a capacidade de controle sobre os indivíduos em esferas cada vez mais íntimas da vida cotidiana.

4. CONCLUSÃO

A análise foucaultiana das relações de poder demonstra a complexidade e a extensão desse fenômeno, evidenciando que o poder não se restringe a um mecanismo de repressão nem a um privilégio exclusivo de instituições hierárquicas. Em vez disso, ele se manifesta como uma força descentralizada, dinâmica e produtiva, que organiza os saberes, estrutura subjetividades e sustenta a vida social em suas múltiplas dimensões. Essa perspectiva do poder, ao se opor à concepção clássica, a qual se exerce de cima para baixo, apresenta-se como um sistema relacional, irradiado de maneira molecular nas práticas cotidianas, nos dispositivos de controle e nas tecnologias de subjetivação.

Assim, o poder não apenas opera pela coerção explícita, mas também pela produção de discursos, identidades e normas que regulam e disciplinam os indivíduos, ou seja, ele opera de modo positivo. As tecnologias de poder, ao se entrelaçarem com as tecnologias de si, configuram um jogo de forças onde o sujeito, longe de ser apenas objeto de controle, torna-se também agente de sua própria produção. Por meio de práticas de autodomínio e autorregulação, os indivíduos internalizam as normas sociais, participando ativamente na manutenção dos dispositivos que os condicionam.

Nesse cenário, os regimes de verdade são fundamentais para a manutenção do status quo, visto que a verdade não é concebida como algo neutro ou universal, mas como uma construção política, produzida e legitimada por dispositivos de saber que operam intrinsecamente com o poder. Essa constatação reforça a crítica foucaultiana à neutralidade do saber científico e às

pretensões universalistas, evidenciando que todo conhecimento está historicamente situado e atravessado por relações de poder. Portanto, a concepção de poder foucaultiana relacionada aos dispositivos e às tecnologias de si possibilita a problematização das formas como as subjetividades e as condutas são governadas.

REFERÊNCIAS:

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhaon. **Michel Foucault e a teoria do poder**. Tempo social, v. 7, n. 1-2, p. 105-110, 1995.

BENEVIDES, Pablo Severiano. **Verdade e Ideologia no pensamento de Michel Foucault**. ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade, v. 3, n. 1, p. 88-101, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhaon Albuquerque. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2023.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **O nascimento do hospital** – conferência realizada no Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em outubro de 1974. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2013. 26.ed. p. 171-189.

FOUCAULT, Michel. **O olho do poder** – conversa entre Michel Foucault, Jean-Pierre Barou e Michelle Perrot. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução de Angela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Graal, 2013. 26.ed. p. 318-343.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder**. In: DREYFUS, H.; Michel Foucault, uma trajetória Filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, pp. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Soberania e disciplina** – Curso no Collège de France, em 14 de janeiro de 1976. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução de Maria Teresa de Oliveira e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2013. 26.ed. p. 278-295.

FOUCAULT, Michel. **Tecnologias de si**, 1982. v. 1. revista semestral autogestionária do Nu-Sol., n. 6, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Verdade e poder** – conversa entre Michel Foucault e Alexandre Fontana. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Tradução de Lilian Holzmeister e Angela Loureiro de Souza. Rio de Janeiro: Graal, 2013. 26.ed. p. 35-54.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Tradução de Raquel Ramalheite. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GONÇALVES, Jadson Fernando Garcia. **Foucault e a questão do dispositivo, da governamentalidade e da subjetivação**: mapeando noções. Revista Margens Interdisciplinar, v. 6, n. 7, p. 105-122, 2010.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira; CARDOSO JUNIOR, Hélio Rebello; ALVAREZ, Marcos César. **Instituições, confinamento e relações de poder**: questões metodológicas no pensamento de Michel Foucault. Psicologia & Sociedade, v. 26, p. 100-106, 2014.

MACHADO, Roberto. **Por uma genealogia do poder**. In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2013. p.7-34.

OLIVEIRA, Lorena Silva. **O conceito de governamentalidade em Michel Foucault**. Ítaca, n. 34, p. 48-72, 2019.

SILVA, Marcos Vinícius Paim. **Controle e normalização**: Michel Foucault e a relação entre corpo e poder. Domus Online, v. 5, 2008.

